

Do glamour à violência, jovens usuários de drogas pobres e de classe média no cinema¹

Letícia BARBOSA²
Cristiana TEIXEIRA³

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

Resumo

Esta pesquisa compara as representações que o cinema brasileiro constrói dos pobres e sujeitos de classe média usuários de droga ilícitas. Foram observadas as diferenças no enredo e nas representações das personagens, a fim de apreender se há ou não diferenças de representatividade e quais diferenças seriam essas.

Palavras-chave: Cinema; classe social; usuários de drogas; representações sociais

Introdução

O cinema, assim como outras mídias audiovisuais, exerce forte influência sobre o pensamento coletivo e tende a ser encarado como espelho da realidade, possuindo o poder de representar o modo como vivemos, sentimos e interpretamos o cotidiano. Para tal, os diretores, produtores e roteiristas utilizam símbolos sociais, padrões estéticos, éticos e políticos estereotipados; ideologias e senso-comuns como forma de recortar uma realidade que agrada seu público alvo. A cada filme é possível ter acesso a uma variada gama de possibilidades, que podem misturar, a partir de diferentes perspectivas, tais elementos, mesmo em filmes que trabalham a mesma temática.

A partir dessa multiplicidade de perspectivas que o cinema proporciona e pela curiosidade em investigar quais questões ideológicas podem estar por trás da representação dos jovens usuários de drogas, pobres e de classe média, nos filmes, decidimos analisar as diferentes representações do usuário de drogas dentro do cinema brasileiro.

Tal temática foi escolhida devido a grande repercussão do assunto na sociedade, mas também na área da comunicação, como em filmes e telejornais, em que é perceptível uma

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual, do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da UFPE, email: leticia.m.g.barbosa@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFPE, email: cristinateixeiravm@gmail.com

área proibicionista e de forte criminalização do usuário, sem que haja uma análise das consequências dessa marginalização.

Para a formação desse trabalho, analisamos apenas os filmes cujo lançamento ocorreu em 2015, devido a atualidade desse corpus e proximidade temporal com as informações coletadas para a pesquisa. Através do site da Agência Nacional do Cinema (Ancine) tivemos acesso à lista dos 78 filmes de ficção lançados no Brasil naquele ano, tal gênero foi priorizado para essa pesquisa por compor a maior parte do material cinematográfico daquela lista, possibilitando uma investigação mais ampliada. Após a coleta desse material, diminuimos o espectro do corpus para apenas os filmes que são proibidos para menores de 14, 16 e 18 anos pelo Sistema de Classificação Indicativa Brasileiro. Este recorte foi aplicado para facilitar a seleção dos filmes que falavam sobre drogas, pois as classificações não recomendadas para essas idades possuem consumo, insinuação ao consumo, indução ao consumo de drogas ilícitas e também produção ou tráfico das mesmas.

A classificação indicativa se encontra consolidada como política pública de Estado e sua função é explicitar aos pais ou responsáveis de menores de idade a faixa etária para a qual obras audiovisuais, como filmes, jogos eletrônicos, programas de TV e DVDS, não são recomendadas. A partir de previsão constitucional, a Secretaria Nacional de Justiça (SNJ), do Ministério da Justiça, atribui a classificação indicativa em tais obras. Suas ações são regulamentadas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente e por portarias do Ministério da Justiça. Seus critérios levam em consideração a quantidade, relevância, contextualização e intensidade das cenas com conteúdos de sexo, drogas e violência apresentados.

Em seguida, separamos quatro filmes com o intuito de exemplificar as diferentes perspectivas que o consumo de drogas adquire quando retratado no contexto da classe média e da classe baixa e que mensagens tal representação passa para a sociedade e seu subconsciente coletivo. Assim, foram escolhidos os longas #Garotas, Califórnia, Alucinados e Se Deus vier que venha armado, pois estes formavam pares que exemplificavam os contrastes mais comuns de representatividade e exibiam o consumo de drogas não apenas lícitas, mas também ilícitas, que são o foco desta pesquisa. Os filmes descartados não possuíam o uso de drogas ilegais por pessoas jovens com tanta intensidade e nem exibiam tal diversidade de substâncias, que vão desde as naturais aos sintéticos.

Atentando para a importância de entender-se o consumo de drogas no Brasil e no mundo fez-se necessário, antes da análise dos filmes ser iniciada, dar uma base de como o

consumo de drogas está presente na história da humanidade, que espaço tais substâncias possuem nas políticas governamentais e como são entendidas no âmbito jurídico.

Breve história do uso de drogas, seus tipos e políticas públicas

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 1981), droga é qualquer substância não produzida pelo organismo que tem a propriedade de atuar sobre um ou mais de seus sistemas, produzindo alterações em seu funcionamento. Elas podem ser classificadas em psicotrópica, atua sobre o cérebro, alterando de alguma forma o psiquismo; medicamento ou fármaco, é a droga que agindo em organismos vivos, provoca efeitos benéficos ou úteis; e tóxico, substância que administrada em organismos vivos produz efeitos nocivos.

Tais substâncias podem ser de origem natural, produzidas a partir de plantas, ou sintéticas, fabricadas em laboratório. No âmbito jurídico elas são identificadas como lícitas, drogas consideradas pouco ameaçadoras, como o tabaco e o álcool; e ilícitas, cuja comercialização é proibida por lei, como a cocaína e o LSD. Este trabalho discorrerá apenas sobre as drogas ilícitas.

Seu uso possui uma presença constante, estando presente em todas as sociedades e em quase todos os momentos da história humana à que se tem registro. Desde o costume indígena de mascar folhas de coca, datado há cerca 4.000 anos, à disseminação das anfetaminas no período da II Guerra Mundial, as drogas podem percebidas como benéficas ou nocivas. Fatores como a época, contexto sócio-cultural, frequência e motivos do consumo também influenciam no seu julgamento. Através dos anos seus padrões de consumo se diversificaram, estando não somente associada ao vício e violência. Sua trajetória perpassa também a ciência, a religião, a cultura, o prazer e o misticismo. Estando frequentemente associada a uma forma de conectar-se com o divino e de alcançar a elevação cognitiva e sensitiva.

No Brasil, as políticas governamentais, aliadas aos veículos de comunicação, disseminam mensagens de cunho proibicionista. As políticas públicas repreendem, ameaçam, prendem e criminalizam o usuário sem pôr em pauta a discussão de políticas alternativas, como a de Redução de Danos, que busca, a partir do pressuposto que a droga é e sempre será uma constante na história humana, promover um ambiente adequado para o

uso regulado de entorpecentes por aqueles que abusaram tanto das substâncias que não conseguem mais largá-la, o que pode ser perigoso a sua saúde.

Este posicionamento também tenta caracterizar o uso de entorpecentes como típicos de criminosos ou moradores da periferia. Porém, esta ferida já se alastrou e não pode ser mais maquiada. Se antes o uso da droga era “coisa de favelado”, hoje não há como esconder que as nossas classes média e alta também querem dar “um pega”.

A essa diferença de tratamento podemos citar as matérias jornalísticas em que o jovem rico “erra”, mas o pobre “comete um crime”. A exemplo, seguem as manchetes abaixo, em que jovens, mesmo cometendo o mesmo crime, recebem tratamentos diferentes. Enquanto o primeiro é chamado de suspeito o outro é chamado de traficante. Nos dois casos os acusados se encontravam em posse de drogas.

Figura 1 | Manchete

09/10/2015 05h00 - Atualizado em 09/10/2015 11h44

Suspeito de tráfico de Ipanema vendia droga para 'alta sociedade', diz polícia

Patrick Rubio, de 27 anos, foi denunciado por moradora do Alemão.
 Jovem de classe média alta foi preso dentro da casa onde vivia com os pais.

FONTE: *print screen* do site G1 | Link: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/10/traficante-de-ipanema-vendia-drogas-para-alta-sociedade-diz-policia-do-rio.html>

Figura 2 | Manchete

04/01/2016 12h42 - Atualizado em 04/01/2016 13h29

Polícia prende traficantes que agiam à luz do dia na Lapa

Cinco menores foram apreendidos e seis maiores foram presos. Imagens mostram movimentação do grupo durante três meses.

FONTE: *print screen* do site G1 | Link: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/01/policia-prende-trafficantes-que-agiam-luz-do-dia-na-lapa.html>

Assim, as drogas continuam a abarcar divergências dependendo do ponto de vista sócio-cultural e econômico sob o qual são apresentadas e interpretadas para a sociedade. A partir disso, as ferramentas comunicacionais, como o cinema, possuem um grande papel na disseminação e construção dessas mensagens.

A construção do real e a noção de representatividade

O surgimento de novos meios de comunicação mainstream aumentou o fluxo da disseminação de ideias e imagens, tornando-se os principais canais de informação que influenciam nosso imaginário social. O cinema é um desses influenciadores, ele apela para a subjetividade do público e para mecanismos de identificação, como os estereótipos, com o objetivo de fazer o espectador identificar-se e acreditar naquela reprodução do real mesmo que seu contrato comunicacional seja a ficção.

Assim, o cinema pode ser interpretado como um fenômeno que reflete o “real” através de enquadramentos pré-selecionados. Tal ligação com o real acaba por tornar a arte cinematográfica e seus filmes influenciadores de gostos e pensamentos, tornando-o um suporte midiático que comporta movimentos de reconstrução de sentidos e representações.

“Podemos dizer que a especificidade do cinema se baseia em nos dar a ilusão de traçar os movimentos do pensamento, ou de nos induzir a operar sobre eles e a partir deles” (GUTFREIND, 2006, p. 10). Ou seja, o cinema toma o papel de um formador de opinião silencioso e simbólico.

Estando imerso em uma lógica não apenas independente, mas também mercadológica, o cinema nem sempre é uma arte livre. Além da perspectiva particular que cada diretor possui, os filmes tendem a se modificar também para corresponder às expectativas de produtores, estúdios de gravação, distribuidores e, principalmente, a ordem moral e ética de sua sociedade, a fim de agradar seu público. Portanto, utilizando-se do seu aparato simbólico e da sua capacidade de representar o real, o cinema é capaz de vender perspectivas e de ditar o que é certo e errado.

A partir disso, analisaremos como se dá a construção do real e a representatividade das personagens usuárias de drogas que compõem os filmes selecionados para este trabalho. Atentaremos para a composição de sua *mise en scène* e para as suas variantes sociopolíticas envolvidas, assim como utilizaremos dados de pesquisas científicas que lidam com o uso de entorpecentes para embasar as argumentações.

Análise

Filmes: #Garotas e Califórnia

Este primeiro bloco temático irá se debruçar sobre análise das personagens principais dos filmes #Garotas e Califórnia, Beth e Estela. Apesar das personagens possuírem dramas e idades diferentes, o tratamento que recebem em relação ao uso de drogas é igual, sendo a situação de uso ilustrada em contextos de festas, aventura e descoberta da juventude, não sendo associadas a temas como o tráfico, violência e vício.

O filme #Garotas (direção de Alex Medeiros, Brasil, 2015) mostra a história de Beth, uma jovem de classe média, que na companhia das amigas, Milena e Carina, se divertem nas melhores festas do Rio de Janeiro. A protagonista é mostrada como uma menina que tinha grande fama de se festeira, arrumar confusão, viver intensamente e consumir drogas, como álcool, cigarro e ecstasy.

A história tem início com o retorno de Beth ao Rio de Janeiro para o ano novo, após ter sido obrigada a morar um ano em Nova Iorque pelos seus pais por motivos misteriosos. A garota retorna mais comportada e sem interesse em festas, o que desperta o estranhamento de Milena e Carina. Saudosas do antigo comportamento da amiga, Milena e Carina convencem Beth a realizar em sua casa uma grande festa da virada. Beth, contrariando seus pais para agradar as amigas, concorda em realizar a festa.

Ao longo da história o passado de Beth é retratado em rápidos flashes de imagens que mostram seu contexto de uso de drogas como uma aventura proibida, algo divertido, sexualizado e excitante. Nas imagens a protagonista e suas amigas são mostradas em clubes privados luxuosos, dançando entre si ou com garotos. A mistura que fazem de álcool com ecstasy é representada em cena através dos filtros de imagem, que adquirem cores cada vez mais intensas e chamativas, e através do comportamento das meninas, pois suas expressões vão se intensificando da alegria para a euforia, estão sempre sorrindo, e seu comportamento torna-se gradativamente mais desinibido e imprudente.

Figuras 3 e 4 | Frame da festa e consumo de álcool



FONTE: *print screen* do filme “#Gatoras”

Figura 5 | Consumo de ecstasy



FONTE: *print screen* do filme “#Gatoras”

Entre as intrigas que ocorrem durante a festa da virada, Beth continuamente tenta zelar pelo bem-estar das amigas, estando a todo o momento sóbria. Todavia, no fim da noite seus segredos são revelados. Descobrimos ao final do longa que o motivo pelo qual Beth passou um ano os Estados Unidos foi porque seus pais decidiram interná-la em uma clínica

de reabilitação após ela ter sofrido uma overdose, resultante do abuso e mistura de drogas em uma festa.

Além disso, enquanto estava no exterior, a menina descobre que ficou grávida de um rapaz com quem se envolveu nessa mesma festa, fato que dá reforço a mudança de seu comportamento. Assim, Beth viu-se obrigada a se afastar de seus antigos hábitos em prol da sua saúde e para poder cuidar da criança que gestava. Ao final do enredo, a moral da história mostra a overdose e a gravidez como consequência do comportamento desviado. Também mostra a reabilitação e o afastamento forçado de antigos hábitos como soluções para o problema.

Já Califórnia (direção de Marina Person, Brasil, 2015) se passa no início dos anos 80, nele temos Estela, uma adolescente também de classe média que vive os conflitos típicos da idade, referente às primeiras experiências, tanto sexuais, quanto com drogas, como maconha e lança perfume. Ademais, Estela é uma garota em idade escolar, tímida e tem suas saídas limitadas por seu pai.

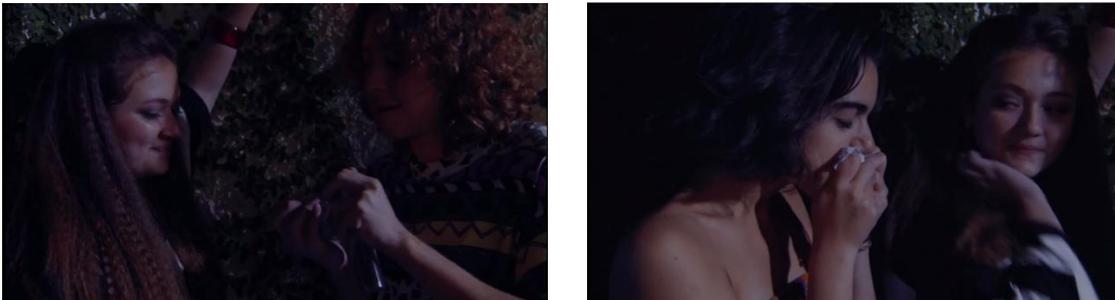
O enredo se impulsiona a partir do sonho que a garota tem de visitar o estado da Califórnia durante as férias. Lá vive seu tio, Carlos, jornalista musical e maior influência da jovem. Porém, seus planos se desfazem quando ela descobre que seu tio está voltando para o Brasil, magro, debilitado por consequência de uma doença sobre a qual a medicina apenas começava a se debruçar, a AIDS.

A cenografia do filme e sua trilha sonora constroem a personalidade e as influências de Estela baseando-se em ícones undergrounds da música, permissivos a atitudes punks e envolvidos com consumo de entorpecentes, como David Bowie e The Cure.

Aliado a esse conflito, Estela se encontra dividida entre dois meninos de sua escola, o surfista popular, Xande, e o garoto novo e andrógino que acabara de chegar à escola, JM. Fazendo uso de bebida alcoólica e de lança perfume, este oferecido por uma de suas amigas, a garota toma iniciativa de falar com Xande e desenvolve um breve relacionamento com ele ao longo da trama.

Com o passar do tempo ela não mais se envolve com Xande e direciona suas atenções à JM que possui gostos parecidos com os da jovem adolescente e a ajuda a enfrentar o luto que se segue pela morte de seu tio. Nesse mesmo período, Estela começa a frequentar a casa do garoto e a fumar maconha em sua companhia. Ao final da trama a adolescente descobre que JM irá se mudar para a Índia e o romance acaba com ela tendo superado os dramas do enredo e vivido todas as suas descobertas sem consequências.

Figuras 6 e 7 | Uso de lança perfume



FONTE: *print screen* do filme “Califórnia”

Figuras 8 | Uso de maconha



FONTE: *print screen* do filme “Califórnia”

Os dois filmes contam a história de jovens de classe média passando por fases de descobertas e transições. Ambos possuem elementos atrativos em seu enredo, pois adotam o típico estereótipo do adolescente confuso e em busca da autodescoberta. As situações do uso da droga ocorrem entre amigos, ou induzidos por amigos, apenas em ambientes festivos ou amistosos, o que desvincula as personagens da situação de vício.

Em nenhum momento dos filmes a situação da compra da droga é mostrada, o que desassocia tal consumo ao patrocínio do crime organizado e da ilegalidade da compra dessas substâncias. As duas histórias retratam o consumo de droga de forma não criminosa, as personagens não são criminalizadas ou subjugadas pelo seu uso e também não há situações de violência em seu roteiro. Apenas no filme #Garotas o uso é reprimido através da internação da protagonista em uma clínica de reabilitação, porém o filme não mostra sua protagonista como viciada, mas sim como alguém que cometeu um erro que fora superado.

Filmes: Alucinados e Se Deus vier que venha armado

Em *Alucinados* (direção de Roberto Santucci, Brasil, 2015) a classe média passa a ser vítima dos usuários de entorpecentes. A temática central do filme é o sequestro-relâmpago da psicóloga Júlia, mulher casada e mãe de dois filhos, por Sapeca e Casé, jovens moradores da favela da Rocinha, no Rio de Janeiro. Sapeca, que havia acabado de sair da prisão passou seus primeiros dias livres pedindo a meninos de rua que vigiassem o prédio da vítima e a escola de seus filhos e o informasse sobre sua rotina.

No dia planejado para o sequestro, Júlia é abordada dentro do carro do seu marido, sendo mantida nele durante todo o percurso e constantemente ameaçada com uma arma de foto. A vítima acredita que os sequestradores estejam apenas em busca de dinheiro fácil para drogas e artigos de marca, pois eles usam seu dinheiro para comprar cocaína e citam marcas que gostariam de ter ou usar. Assim ela é levada para sacar altos valores em um banco 24h e em uma agência bancária.

No percurso a vítima é constantemente assediada por Casé e há uso de maconha e cocaína, por parte de ambos os sequestradores, dentro do veículo. Constantemente na troca de diálogos entre Sapeca e Casé, este aconselha o outro a largar o vício em drogas e seguir outro caminho, como por exemplo, ser jogador de futebol.

Figuras 9 e 10| Uso de maconha e cocaína



FONTE: *print screen* do filme “Alucinados”

Contudo, aos poucos Júlia percebe que a dupla não deseja apenas seu dinheiro. Depois de tentar fugir, a vítima é agredida e desmaia, a dupla de sequestradores toma o controle do carro e a levam para um bosque distante do centro da cidade. Lá é revelado que tudo se tratava de uma vingança pessoal de Casé contra a psicóloga. Há dez anos Júlia haveria deixado de realizar o acompanhamento psicológico de Casé em uma clínica de

reabilitação, devido a isso, ele a culpava por não ter conseguido se livrar da dependência química.

O roteiro do filme mostra uma situação de abandono e desesperança que paira sobre os dois jovens. O consenso mostrado é que os dois sabem que não conseguirão sair da vida de criminalidade, porque não tiveram oportunidades sociais para tal. Assim, são caracterizados pelo cinismo e raiva perante a sociedade e, principalmente, perante a polícia que os oprime por sua origem. A favela é retratada como zona de guerra e reduto para venda de entorpecentes.

Os personagens, além disso, exprimem indignação por ser exigido deles um padrão que não podem alcançar ou se o alcançam, por vias criminosas, são julgados por isso. Dessa forma, a droga é colocada como escape da realidade em que os dois se inserem, sendo alinhada ao tráfico, à violência, ao perigo e a uma característica da criminalidade.

Depois que Casé revela sua verdadeira intenção, aponta a arma para a própria cabeça, todavia, eles não sabiam que estavam cercados pela equipe de resgate da polícia, acionada pelo marido de Júlia. A polícia interpreta o ato de Casé como uma ameaça a vida da sequestrada e uma troca de tiros se inicia. Júlia pede que os tiros cessem enquanto Casé implora a ela que não o abandone mais uma vez. Os dois sequestradores acabam sendo mortos durante o tiroteio.

Outro ponto do filme que chama atenção e nos faz mergulhar em sua tensão é a paleta de cores. Sendo a cor um elemento narrativo capaz de transmitir emoções, o filme faz despertar sensações de ausência, renúncia, negação e temor por meio de sua paleta de cores frias, em escalas de cinza e preto, deixando o filme com um aspecto de nublado. Somos acionados por esses pontos através das cenas de violência protagonizadas por Casé, em suas ameaças e assédios sexuais à vítima, todas as suas ações são direcionadas a humilhar Júlia, pois deposita nela a culpa por todas as suas oportunidades perdidas. Algumas falas de Sapeca também se tornam mais pesadas devido a construção cinzenta da imagem, a exemplo disso temos a conversa que ele e Júlia tem no carro, enquanto Casé tenta acessar a conta da sequestrada. Sapeca releva toda a sua desesperança no futuro para a vítima e fala, principalmente, da raiva que tem da polícia por ter assassinado seu irmão.

Se Deus vier que venha armado (direção de Luis Dantas, Brasil, 2015) também segue a mesma linha representativa que *Alucinados*. Nessa nova história temos Damião, jovem de 23 anos que foi preso por cometer assaltos. Liberado temporariamente da prisão, por conta do Dia das Mães, ele possui 72 horas para visitar o seu irmão de criação, Josué -

um mecânico evangélico, que está prestes a se casar. Entretanto, ele também tem uma missão a cumprir para os chefes do crime, como parte de uma onda de ataques do PCC (Primeiro Comando da Capital) no estado de São Paulo.

O encontro dos irmãos é envolto de memórias nostálgicas e alegria, todavia Josué mantém-se alerta em relação ao irmão e tenta o aconselhar a não fazer nada perigoso. Damião aparenta não saber se irá realizar ou não o ataque, nesse ponto do filme o que o motiva é o medo perante os mandantes do crime, que estavam na mesma cela que ele.

Também somos apresentados a vida de um soldado recém-chegado ao batalhão, Jeferson. Ele é indicado para trabalhar na patrulha do sargento Mauro, considerado carrasco, pelas favelas de São Paulo. O soldado demonstra muito medo diante do trabalho que irá executar e do percurso que fará. Por azar, logo em seu primeiro dia a viatura em que estavam com o sargento Mouro é alvejada.

Durante as andanças pela favela, o jovem também encontra Palito, amigo de infância, que apesar de ser manco, está aprendendo a dançar hip-hop. O garoto apresenta Damião à sua professora de dança e aspirante a atriz, Cléo. Os três logo que se conhecem saem em um passeio pela comunidade, porém Damião não avisa ao seu irmão do passeio e que voltaria tarde. Josué, preocupado por seu irmão ter sumido decide procurá-lo, mas por azar tem seu caminho cruzado pela ronda do sargento Mauro que procurava por vingança após o atentado sofrido em sua viatura. Josué é abordado pelos policiais e morto de maneira arbitrária, os policiais ainda o acusam de haver trocado tiros com a polícia e para criar a prova pegam as digitais do corpo de Josué e poem em uma arma.

As escalas de cores usadas nesse filme seguem o mesmo padrão do filme alucinados, cores frias. No entanto, apesar desse elemento, na fotografia o plano se expande e se aprofunda mostrando a imensidão e diversidade da favela, tanto de dia quanto de noite, o que serve como elemento estético apaziguador. Portanto, a apensar da violência ser tema central do filme, a periferia é abordada de uma forma mais humana através, também, da personalidade e das atividades exercidas pelos personagens e Josué, Cléo e Palito. Cada um deles é construído para ser um elemento de equilíbrio para Damião, exercem atividades honestas, são proativos, trabalhadores e sonhadores, porém ao longo do filme eles entram em conflito.

Figuras 11 e 12 | Plano fotográfico



FONTE: *print screen* do filme “Se Deus vier que venha armado”

Após saber da morte do irmão, Damião instiga a partir com Palito e Cléo em uma viagem até a praia com o intuito de fugir dos seus problemas. Regada a álcool e cocaína a viagem até acaba por formar um triângulo amoroso entre os três. Todavia Cléo acaba por se envolver com Damião, o que desperta a raiva de Palito. Irritado o garoto deixa o casal para trás e volta para a cidade. Cléo e Damião, preocupados, tentam encontrar o menino, porém o caminho é tortuoso. O ex-presidiário acaba por assassinar um policial a paisana que os observava, o que faz Cléo afastar-se dele. Quando o jovem retorna, de luto pelo irmão e triste pelo afastamento dos amigos, já não possui dúvidas em relação à missão dada pelo PCC e realiza um ataque com explosivos e granadas ao batalhão de polícia do sargento Mauro.

Considerações finais

Tomando como base a análise dos dois blocos de filmes é possível observar que existe uma seletividade na criminalização do uso de droga no cinema brasileiro. A mensagem transmitida ao espectador é a de que o uso de entorpecentes por pessoas pobres está ligado ao tráfico, ao crime organizado, à bocas de fumo, à violência e ao porte ilegal de armas. Porém, quando o usuário de drogas pertence a classe média, o uso passa a ser desvinculado da criminalidade e seu uso não é mostrado para o público como algo perigoso e errado. Além disso, a situação de compra da droga nunca é mostrada, o que desvincula a personagem da situação de patrocinadora do tráfico de entorpecentes.

De “vício” à “uso pessoal”, partes da mise en scène dos filmes (como a direção, o roteiro e as escolhas de cores) é construída para manipular o público a concluir tal

pensamento. Para implantar essa impressão em quem assiste aos filmes, as cores usadas no longa #Gatoras e Califórnia são quentes e vibrantes, quanto as do filme Alucinados e Se Deus vier que venha armado são escuras. Outro fator criminalizador é que a personalidade das personagens criminalizadas normalmente vem acompanhada com um desvio e caráter que as personagens de classe média não têm. Ademais, os jovens usuários pobres mostrados já possuem a ficha suja, com passagem pela polícia por roubo ou tráfico, enquanto as personagens de classe média são isentas.

O contexto de uso das drogas representados nos dois blocos também são muito contrastantes tanto na atuação quanto nos locais do consumo. No primeiro bloco as meninas usam entorpecentes em festas e com os amigos, enquanto que no segundo bloco da análise o uso é agressivo, em situações limite ou para escapar de uma realidade difícil.

Essa retratação pode ser entendida não só como um reflexo, mas também como manutenção do pensamento que políticas repressivas ao uso de drogas são a solução, além de reforçar o preconceito de classe que só criminaliza o pobre. Nessas situações os filmes apenas reafirmam a linha hegemônica de pensamento ao público, o impossibilitando de ter acesso, através da ficção, ao enfrentamento dos preconceitos vigentes e a realidades alternativas possíveis. Sendo assim, nesses casos o cinema se abstem do papel de questionador que também possui.

Referências

BRASIL, Lucia Santaella. **Matrizes da Linguagem e Pensamento: sonora, visual, verbal**. 3. ed. São Paulo: FAPESP, 2005.

CAVASSA, Bruno. “**A indústria da droga e a crítica às políticas repressivas**”. Disponível em: < <http://br.monografias.com/trabalhos3/industria-droga-economica-politicas-repressivas/industria-droga-economica-politicas-repressivas.shtml>>. Acesso em: 28 de out. 2016.

GUTFREIND, Cristiane. “**O filme e a representação do real**”. Compós. Rio Grande do Sul, 2006. Disponível em < <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/90/90>>. Acesso em 28 out. 2016.

MUZA, Gilson M.; BETTIOL, Heloísa; MUCCILLO, Gerson e BARBIERI, Marco A.
“Consumo de substâncias psicoativas por adolescentes escolares de Ribeirão Preto, SP (Brasil): II - Distribuição do consumo por classes sociais”, 1997. Disponível em:<
http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S003489101997000200010&script=sci_abstract&lng=enen/>. Acesso em: 28 de out. 2016.

SANTOS, Marcelo. **“Cinema e semiótica: a construção sógnica do discurso cinematográfico”**. Revista Fronteiras – estudos midiáticos, Rio Grande do Sul, v. 13, n. 1, janeiro/abril, 2011. Disponível em <
<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/929/135>>. Acesso em 28 out. 2016.

SILVA; CAMARGO; PAVIN; NOTO; BUSCATTI; SARTORI; FORMIGONI. **“As drogas no âmbito familiar, sob a perspectiva do cinema”**. Periódicos eletrônicos em psicologia, São Paulo, v. 10, n. 1, jun. 2008. Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151636872008000100016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 28 out. 2016.